

4. A informação arqueológica publicada

“A arqueologia qualifica a paisagem (...), vive da variedade da experiência humana plasmada no que resistiu ao tempo, e que afinal, apesar de todas as catástrofes, foi muito.

Jorge, 1993, p. 12

Os dados publicados sobre a região da serra d'Ossa, para as épocas de que me ocupo, reflectem, por um lado, o atraso generalizado da cartografia arqueológica no nosso país e, mais particularmente, no Alentejo e, por outro, a escassez de escavações em sítios de *habitat*.

Para o Neolítico Antigo e Médio deparamos, nesta área de estudo, com um vazio total, tanto em termos de povoados como de enterramentos, situação que é extensível, com raríssimas excepções, a todo o Alentejo Central e mesmo a todo o interior do país.

Em relação ao Neolítico Final-Calcolítico, conhecemos, em grande parte graças ao trabalho extensivo do casal Leisner (Leisner, 1948, 1949; Leisner e Leisner, 1955, 1959), grande quantidade de sepulturas megalíticas, sendo este, seguramente, o aspecto melhor estudado e divulgado da pré-história da região. Para além da informação reunida por aqueles autores, também os levantamentos efectuados pelos Serviços Geológicos de Portugal e publicados nas Cartas Geológicas na escala 1: 50 000, vieram ampliar significativamente o número de antas registadas.

A Norte de Juromenha, existe ainda um núcleo importante destes monumentos, inventariado, em grande parte, por Abel Viana e Dias de Deus (Viana e Deus, 1955/57, p. 143-189; Viana, 1950, p. 289-322).

Apesar do elevado número de antas conhecidas nesta área (Estampa 108b), não se encontra praticamente qualquer referência a *tholoi* na bibliografia compulsada. Para além do monumento dos Ambrósios, de que publiquei recentemente a planta (Calado, 1993a, p. 84, 85), conhece-se apenas uma informação transmitida pelo Padre J. Espanca (Espanca, 1983, p. 81) que pode eventualmente referir-se a uma ou várias sepulturas de falsa cúpula; contudo, as tentativas para confirmar esta informação no terreno não forneceram qualquer resultado, uma vez que a área em questão foi literalmente eliminada pela recente laboração de pedreiras de mármore. Quanto aos menires e às pedras com covinhas, os dados publicados são igualmente muito escassos e recentes (Calado, 1993a; Calado e Bairinhas, 1994).

Também, à excepção do concelho do Alandroal (Calado, 1993a), os povoados desta época parecem não existir na região, se nos ativermos aos dados publicados. As únicas ressalvas dizem respeito aos povoados do Pica-na-Velha (440. 2) e Convento (440. 1), referidos por Irisalva Moita (Moita, 1965, p. 10) como “de incontestável origem eneolítica”. Infelizmente, também nestes casos, a confirmação se revelou problemática: no povoado do Pica na Velha, coberto de densa vegetação arbustiva, foi possível recolher algumas peças que genericamente podem confirmar aquela atribuição cronológico-cultural; porém, no sítio do Convento, os escassos materiais recolhidos foram, infelizmente, inconclusivos.

Deste modo, o único povoado publicado, cuja interpretação se mantém, até certo ponto, indiscutível, apesar de insuficiente publicação, é o povoado de Famão que, juntamente com o povoado da Aboboreira (já fora da presente área de estudo) foi publicado por J. Arnaud (Arnaud, 1971); estes povoados tornaram-se, aliás, paradigmáticos na bibliografia sobre o Neolítico Final-Calcolítico no Alentejo, uma vez que, durante quase vinte anos, raros outros foram dados à estampa. Por outro lado, em Santa Suzana (Redondo), alguns quilómetros a Sul da região da serra d'Ossa, foram sumariamente referidos dois outros locais de *habitat* atribuíveis também ao Neolítico Final-Calcolítico (Ventura, 1970, p. 335-339).

Leite de Vasconcellos (Vasconcellos, 1895, p. 212-213) referiu-se, muito ligeiramente, a outro povoado que, segundo recentemente apurei, teve também ocupação calcolítica: o “castro” do Castelo Velho (Terena, Alandroal); porém, aquele autor, com base numa deficiente observação ou interpretação dos vestígios, classificou-o apenas como “castro lusitano”, quando o sítio, para além dos materiais calcolíticos, do Bronze final e da Idade do Ferro, apresenta também vestígios de uma ocupação de época islâmica (Calado, 1993, p. 58, 63, 64, 67, 68, 71-77).

Outro povoado da Idade do Ferro onde, em prospecção de superfície, se recolheram materiais calcolíticos (Estampa 59, n.º 5), foi o do Milreu (Calado, 1993, p. 110, 112), referido, pela primeira vez, nas Memórias Parochiaes de 1758, trabalho publicado, no que se refere ao concelho do Alandroal, já nos inícios do nosso século (Castelbranco, 1910, p. 12).

Sobre o “castro” da Brioa, referido na Monografia de Ciladas (S. Romão) (Louro, 1967, p. 21) o autor observou que havia “sinais das muralhas e dispersos fragmentos de cerâmica romana”. Trata-se, de facto, de um povoado fortificado da Idade do Ferro em que também recolhi alguns materiais, provisoriamente atribuíveis ao Neolítico Final-Calcolítico (Estampa 58).

Finalmente, uma notícia sobre a descoberta de jóias pré-históricas na herdade de Claros Montes (Vimieiro, Arraiolos), erroneamente referida como Montes Claros (Paço, 1966, p. 162), pode relacionar-se com o povoado que entretanto localizei entre o Monte dessa herdade e a ribeira de Tera (Estampa 94, n.º 1-13); infelizmente, não se chegou a apurar a localização precisa dos achados áureos, indicando-se apenas que foram encontrados à profundidade de 1,50 m.

